

Ensaio sobre morte e infância

RESUMO

Esse ensaio propõe os conceitos de encantamento, apresentado por Luiz Rufino e Luiz A. Simas, e o de infancialização, segundo Renato Noguera, como atos de afirmação da vida, em oposição ao interesse da sociedade capitalista e globalizada nos processos de banalização e invisibilização da morte. Sustenta que o brincar e o narrar histórias, essências da infância, são potências de encantamento necessário para que a vida transborde sua força, em aparente paradoxo, “salvando a morte”, sem rejeitá-la, mas acolhendo-a como parte de nossa jornada. Esta escrita se constrói não somente a partir de pressupostos teóricos, mas também a partir de memórias da pesquisadora que, por meio de uma fabulação poética, dialoga com os autores e faz a Morte presente no texto como sua interlocutora, figura e narradora em primeira pessoa de algumas histórias de tradição oral, costurando, na prática, uma conclusão brincante e narrativa que enfatiza os argumentos do texto.

Palavras-chave: Morte invisibilizada; Encantamento; Infancialização; Brincar; Narrar.

* Mestre e Licenciada em Língua e Literatura Francesas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Língua Portuguesa pela UFRJ. Especialista em Narração Artística e em “O livro para a infância”, ambos pela pel’ A Casa Tombada (Centro de Estudo e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura), vinculada à Faculdade Conectada (FACONNECT), São Paulo. Contadora de histórias e escritora.

CV: <http://lattes.cnpq.br/4330529799019759>

Essay on death and childhood

ABSTRACT

This essay proposes the concepts of enchantment, presented by Luiz Rufino and Luiz A. Simas, and that of infantilization, according to Renato Noguera, as acts of affirmation of life, in counterpoint to the interest of capitalist and globalized society in the processes of banalization and invisibility of death. In this way, it is maintained that playing and telling stories, essences of childhood, are powers of enchantment necessary for life to overflow its strength, in an apparent paradox, "saving death", without rejecting it, but accepting it as part of our journey. This writing is constructed not only from theoretical assumptions, but also from memories of the researcher who, through a poetic fable, dialogues with the authors and makes Death present in the text as her interlocutor, figure and first-person narrator of some stories from oral tradition, creating, in practice, a playful and narrative conclusion that emphasizes the arguments of the text.

Keywords: Invisible death; Enchantment; Infantilization; To play; Narrate.

Ensayo sobre la muerte y la infancia

RESUMEN

Este ensayo propone los conceptos de encantamiento, presentado por Luiz Rufino y Luiz A. Simas, y de infancionalización, según Renato Noguera, como actos de afirmación de la vida, en oposición al interés de la sociedad capitalista y globalizada en los procesos de banalización e invisibilización de la muerte. Se argumenta que el juego y la narración, esencias de la infancia, son los poderes encantadores necesarios para que la vida desborde su fuerza, en una aparente paradoja, «salvando la muerte», sin rechazarla, sino acogiendo como parte de nuestro camino. Este escrito se construye no sólo a partir de presupuestos teóricos, sino también de los recuerdos de la investigadora que, a través de la fabricación poética, dialoga con los autores y hace presente a la Muerte en el texto como su interlocutora, figura y narradora en primera persona de algunos relatos de tradición oral, cosiendo, en la práctica, una conclusión lúdica y narrativa que enfatiza los argumentos del texto.

Palabras clave: Muerte invisibilizada; Encantamiento; Juego; Narración; Infancionalización.

Os convidados para o chá

*Saiba, todo mundo vai morrer
Presidente, general ou rei
Anglo-saxão ou muçulmano
Todo e qualquer ser humano.*

(Arnaldo Antunes)

Quando comecei essa escrita, ocorreu-me dizer que o assunto era a morte. Não é. Ou talvez seja, de certa maneira. Na verdade, é um convite a percebermos outros modos de nos relacionarmos com ela, a morte, essa Moça Caetana, no dizer sertanejo, muito mais benfazejos do que se possa imaginar. Aqui também há uma vontade imensa de contar histórias sobre a morte, nossa comadre, nossa companheira, de convidá-la a tomar um chá com bolo de fubá, de pé mesmo, já que ela nunca se senta. Não que eu já queira ir com ela, só pretendo ir fazendo amizade, falar menos e ouvi-la mais, sobretudo quando fica em silêncio. Afinal, quando for minha hora, é melhor seguir ao lado de uma amiga do que na companhia de uma estranha.

Começo juntando memórias e observações que venho fazendo acerca da morte e busco somar à minha, outras vozes. Em primeiro lugar a de minha mãe, a mulher dos ditados: “a única certeza da vida, minha filha, é a morte, não esqueça”. Esqueço, não, mãe. É por isso que me parece tão absurdo - e ao mesmo tempo lamentavelmente compreensível diante de uma sociedade capitalista, colonizadora e desconectada do sagrado – que, por um lado, se trate a morte sem o menor respeito e, por outro, finja-se que ela não existe.

Para ampliar a conversa, convido também Roberto Gambini (2005), professor e analista junguiano, que percebe duas faces na morte: uma aterrorizante e outra que nos ajuda a amadurecer; o filósofo e ensaísta Walter Benjamin (1987), que aponta o exílio da morte a partir do século XIX; o antropólogo venezuelano Fernando Coronil (2005) que, por uma perspectiva decolonial, revela o interesse da sociedade globalizada em incluir o humano na categoria de capital e as implicações daí decorrentes.

Em seguida, outros vão se achegando para o chá com bolo de fubá: a professora Leda Martins (2002) e os professores Renato Noguera (2018), Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas (2020) parecem não se assustar com minha convidada de honra à mesa, muito pelo contrário, a saúdam como a uma mestra. Trazem seus tambores, trazem histórias, nos convidam a entoar cantos, a dançar, a brincar e a nos encantar caminhando nas espirais do tempo. A morte participa de tudo, mas nunca larga a gadanha. Quando lhe pergunto por que não a encosta um minutinho para dançar com os amigos, ela me responde: “Amigos, amigos; negócios à parte”.

Depois do chá e da dança, proponho um brinde à amizade. Professor Nogueira brinda à infância e os dois Luizes aos encantados. Benjamin, como já era de se esperar, brinda ao narrador e Coronil à não globalização. Leda Martins sorri, rodopia e brinda ao tempo. Da janela, outros acenam que também querem se juntar a nós. Podem vir, ainda cabe mais gente.

Eu pergunto à Caetana: “E você, a que brinda?”. Ela me olha fixamente e, depois de alguns segundos, ergue o copo e diz:

- À vida, amigos, à vida!

E foi assim que surgiu minha escrita em que a morte não é um tema, mas um pretexto para brindarmos à vida.

A morte, eu e as histórias

Todas as histórias, assim como nós, têm uma conclusão, um fim. Portanto, histórias quaisquer que sejam nos ensinam um pouco sobre morrer. Todavia, narrar sempre foi também uma das maneiras de se driblar a morte, não aquela advinda da destruição física, mas do esquecimento. Viajamos nas histórias “reais” ou de ficção conduzidos pela palavra do narrador. Ao ouvirmos ou lermos uma boa história, dessas que têm a capacidade de nunca nos cansar, ainda que repetidas, temos a sensação de pertencer a algo bem maior. Nos reconhecemos em suas veredas simbólicas, pois, como salienta o filósofo coreano Byung-Chul Han, o símbolo serve ao reconhecimento, que não é apenas ver de novo, mas perceber que estamos diante de algo que já conhecemos, ainda que de modo inconsciente. Assim, dentro de nossa impermanência inerente, “a percepção simbólica, na condição de reconhecimento, percebe o permanente” (Han, 2021, p.10).

A minha história é feita de histórias. Sendo filha de um filho da roça, contador de histórias, muito cedo aprendi a amá-las. Apesar de criada na cidade - posso dizer que sou uma narradora urbana - dentro de mim ainda moram as risadas das moças do interior, com seus vestidos de domingo e suas vergonhas, moram as noites de lua na estrada de barro, o cheiro de mato e o tal Saci Saperê,¹ que de dia é ave, e de noite é assombro. Moram também as estrelas e os olhos azuis de meu pai. Azuis porque assim nasceram e porque, ao olhar para o céu, pareciam querer fazer pouso por lá. Tudo isso ainda está aqui, vivo, graças à força da palavra de um homem que já não é, mas que continua sendo em mim.

Das histórias ouvidas, as que mais me fascinavam eram as de assombração e as de morte. Não que eu fosse sombria. Também me divertiam as histórias engraçadas ou de aventuras, sem falar nos contos de fada, que encantaram minha infância e me ajudaram com alguns medos dentro e fora de mim. Mas as tais histórias que falavam de um além, de alguma forma que eu não saberia explicar, me atraíam. Talvez por acenarem com uma continuidade possível, talvez apenas pela atmosfera de mistério.

Mistério. Será isso? Será a morte tão temida por uns e tão estudada por outros exatamente por ser a única que pode nos estender a chave que um dia usaremos, mas que fingimos ignorar? Há muito tempo, ouvi de um médico que a diferença entre uma pessoa desenganada e uma pessoa sadia é que a primeira tem certeza de que vai morrer e a segunda ainda duvida.

Na minha infância, o assunto morte jamais foi tabu em casa. Tampouco a doença. Fui várias vezes visitar doentes com minha mãe. Não foi a escola, por exemplo, a primeira a me

¹ O mito do Saci aparece em várias regiões de norte a sul do país, mas há variações nas denominações e nas próprias características do encantado. Para meu pai, ele se chamava Saci Saperê. De dia, ele se apresentava como ave - o passarinho conhecido como peixe-frito - e à meia-noite gritava “Saci-Saperê”, se transformando em saci e fazendo suas diabruras.

ensinar que somos caveira por baixo da pele. Foi uma senhorinha de ossos de vidro. Magrinha, voz miúda como ela. A pele, através da qual se via o contorno dos ossos, mais parecia o papel manteiga dos assados lá de casa. Dona Mercedes não se levantava daquela cama da Santa Casa da Misericórdia. E com muito cuidado as enfermeiras a tocavam. “Seus ossos quebram facilmente”, me diziam. Eu, enquanto aguardava, na companhia das enfermeiras, os dez minutos finais da visita em que se permitia também às crianças o espetáculo da fragilidade e da impermanência, inspecionava com o olhar os austeros corredores do século XIX, sempre cheirando a éter. Achava tudo tão antigo, exatamente como aquela senhora além de qualquer idade, além do que me era possível entender por tempo. Seria ela tão antiga como aqueles corredores? A primeira vez que a toquei, muito de leve, foi como se tocasse uma ausência, uma espécie de gente sem começo nem fim. Depois da visita à mulher dos ossos de vidro, sempre atravessávamos grandes corredores e era impossível não notar o mosaico de cerâmicas que os revestia. Eu me divertia tentando pisar só nas brancas ou só nas pretas e logo descobria que era impossível. Assim acontecia porque minha mãe fazia questão de dar uma espiadinha no berçário antes de irmos embora. Talvez para garantir que eu percebesse a vida como um caminho, uma travessia, um mosaico em preto e branco em que não há chegadas sem partidas. Uma mestra, minha mãe.

Minha mãe também permitia que a acompanhasse a todos os enterros de vizinhos, conhecidos ou parentes. E foram muitos. Morria-se muito. Ainda éramos mortais. Em casa, o assunto era natural, apenas mais um entre tantos. Assim, fui aprendendo sobre vida e morte. Aliás, morte em minha cultura familiar nunca foi vazio ou desespero, mas continuidade e renovação. Pode soar estranho, mas até gostava dos cemitérios, achava-os tranquilos. Minha distração durante os cortejos era examinar as esculturas tão perfeitas de anjos e santos ou as covas abandonadas, tristes, cobertas por mato e por Marias-sem-vergonha. Gostava também de observar as fotos nas lápides e tentar imaginar quem teriam sido aquelas pessoas, o que fizeram e o que deixaram de fazer, quando morreram, por que razão, se tinham amores, amigos ou inimigos, do que gostavam, o que viveram. Mais ou menos como fazia com objetos antigos, prédios antigos, louças esquecidas e coisas perdidas dentro de livros velhos, todos viajantes do tempo, que de certa forma nos contam sobre os que já se foram e nos tranquilizam quando pensamos que talvez falem de nós para os que ainda estão por vir, porque sobrevivem a nós (figura 1). Segundo Hannah Arendt (conforme citado em Han, 2021, p. 12), as coisas têm uma estabilidade, ainda que relativa, que a vida não tem, creio que por isso as amamos, porque entrevemos nelas a duração de uma história da qual fazemos parte.

Figura 1: Mural feito com objetos achados nos livros (Livraria Porão Livro & Café -DF)



Fonte: Fotografia da autora (2023)

A morte: banalizada e invisível

Apesar de já ter vivenciado várias perdas, em 2021, enfrentei a mais difícil: minha mãe faleceu com noventa e sete anos, em plena pandemia de COVID-19. Mas não foi essa a causa. Pneumonia, disseram. Acho, porém, que simplesmente cansou de viver aqui. Foi viver do outro lado. Vivenciar o processo de luto e o ritual de despedida me fez compreender exatamente o que aprendi na infância, que a morte é continuidade, ponto de partida e de chegada, exatamente como o nascimento, pois fazemos parte de uma realidade bem maior, ainda mal compreendida, a que chamamos VIDA, essa teia de conexões com tudo que existe, seja visível ou invisível.

Em paralelo a minha experiência individual, milhares de pessoas inominadas viravam estatísticas sem que suas famílias tivessem ao menos o direito a um funeral, enquanto um homem com uma faixa verde-amarela atravessada no peito debochava dos que morriam sufocados. Todo o processo da perversa lógica capitalista colonizadora ficou ainda mais evidente, acentuou o desencanto entre os já aterrorizados pela doença e escancarou as mazelas de uma sociedade adoecida há vários séculos.

Como se não bastasse, crescia a pressão no trabalho para sermos cada vez mais produtivos, a “melhor versão” de nós mesmos. Fato, aliás, que não começou com a pandemia, mas se agravou ainda mais com a confusão para muitos entre casa e emprego, isto é, para os que ainda tinham empregos. A equipe precisa ser ouro, ganhar o selo, a estrelinha, os

“parabéns”. Vamos lá! Então, você percebe que o mundo corporativo levou o *we can*, slogan comum nas equipes de recursos humanos, às últimas consequências. Cansaço? Todo mundo tem. Organize-se, faça o tempo render, faça ioga, corra, medite, faça sudoku, coma brigadeiro gourmet, faça exercícios, tome Rivotril e Sertralina, você pode ir além.

Mas não era da morte que eu falava? O que isso tem a ver com ela? Tudo. Indo cada vez mais além, superando metas, começo a acreditar que, de fato, chegaremos lá, no Além, só que talvez antes da nossa hora. Desconfio que estamos, assim, “matando a morte”, eliminando-a de nossos pensamentos em troca da ilusão de nossa imortalidade e da desvalorização de outros viventes. Mas será que o efeito disso, contrariamente, não nos conduzirá aos bastidores sombrios da depressão, do *burnout*, ou da indiferença pelo outro, nosso irmão, seja bicho, gente, pedra ou rio? Tudo passa a ser capital ou objeto de consumo. Criamos uma sociedade em que a essência da vida e a conexão com o universo é cada vez mais esgarçada e embaçada pelo excesso de ganância, por um lado, e pela extrema escassez de meios de sobrevivência física e psíquica por outro.

Assim, a partir dessas reflexões e experiências, nasceu em mim um impulso de salvar a morte. Afinal, a morte “como duplo da vida [...] travessia nos ciclos do tempo [...] não é radical da escassez, da interrupção, mas sim da continuidade” (Rufino & Simas, 2020, p.8). Mas como? Decidi, então, que para salvá-la preciso contar sobre ela, narrar suas histórias, transformando-a naquela a quem se pode fazer confidências, contar segredos, brincar e rir junto. E se, como diz Jeanne Marie Gagnebin (2014, p. 14), “quando escrevemos, lembramos à nossa revelia que morremos”, então, acho que escrevo para também me salvar.

Mesmo assim, muitos poderão não entender esse meu impulso e vão me olhar atravessado. Por que falar de morte? Por que ser tão inconveniente em um mundo que apesar de tantas mortes abomina esse tema? Do ponto de vista puramente biológico, a morte pode até ser definida. Para lá da dimensão material, porém, a ideia da morte esteve, e sempre estará, no centro de nossas indagações existenciais desde sempre até quando durar a aventura humana na Terra. Será que ainda dura muito? Será que conseguiremos adiar o fim do mundo?

O que há além de nossa vida física é um mistério ainda sem respostas. Exatamente por isso, a Morte, como fenômeno inexplicável, povoa todas as mitologias e assume no inconsciente coletivo seu caráter arquetípico, inserida, aliás, em um arquétipo bem maior: o da Vida/Morte, separadas somente devido ao dualismo do pensamento ocidental a que nos habituamos e sobre o qual vários estudiosos já nos alertaram como sendo, no mínimo, equivocado. Mas trago em especial a filósofa nigeriana Sophie Oluwole² que, a partir de um paralelo entre a filosofia socrática e a filosofia de Orunmilá,³ de cosmovisão mais abrangente, conclui que o pensamento ocidental é construído a partir de oposições como, por exemplo,

² Filósofa nigeriana (1935 -2018), primeira pessoa em seu país em obter um PhD em filosofia. A pesquisa de Oluwole concentrou-se na tradição oral iorubá.

³ Apesar de o nome Orunmilá corresponder a um orixá da tradição iorubá, bem como representar uma espécie de título dado a pessoas que possuem conhecimentos e práticas acerca do Ifá (sistema divinatório extremamente complexo), Sophie Oluwole centra sua pesquisa em Orunmilá enquanto ser humano e filósofo histórico. Para conhecer mais sobre o conceito de complementariedade binária, confira o livro ainda não publicado em português, *Socrates and Orunmila. Two Patron Saints of Classical Philosophy* (Oluwole, 2014).

corpo x mente, razão x emoção, mundo sensível x mundo inteligível, o que, é claro, desarticula o absolutamente desarticulável! Em contraponto a essa “oposição binária” ocidental, a filósofa propõe o que ela chamou de “complementariedade binária” (Oluwole, como citado em Paula & Wer, 2019, p. 130) que é com certeza uma maneira menos fragmentada e mais amorosa de enxergar um universo que não pode absolutamente ser repartido em dois lados incomunicáveis. Esse posicionamento intelectual que interpreta a realidade dentro de oposições binárias compromete inclusive a maneira de se compreender os direitos humanos vistos, assim, pela lógica do “um ou outro”:

A questão é que, enquanto a realidade é identificada e formulada dentro estruturas conceituais de oposições binárias, com um inerente “um ou outro”, assumido no sentido exclusivo, em que toda e cada existência não é apenas independente da outra, mas em oposição a isto, não pode haver racionalmente interesse e obrigação inalienável por parte de um indivíduo de reconhecer e respeitar a existência e igualdade de direitos de outros seres humanos (Oluwole, como citado em Paula & Wer, 2019, p. 130).

Perceber a VIDA de forma complementar nos ajuda inclusive nas escolhas éticas, estéticas e políticas: minha prática social, docente ou artística acolhe os seres, humanos ou não, reconhecendo e respeitando suas existências múltiplas? O que minha prática e meu repertório dizem de mim? Para que eu exista com minhas opiniões, preciso aniquilar ou desmerecer outros? Ao contrário, pela lógica excludente das oposições binárias, nosso pensar e fazer artísticos são comprometidos. Recentemente, ouvi de um professor, considerado culto e inteligente, que a “arte morreu no século XIX” e que não há beleza alguma na arquitetura de Brasília. Um herege, esse Niemeyer! Pensei em responder, mas achei perda de tempo. Algo dentro dele também morreu.

Quanto a mim, sigo enxergando no par Vida/Morte, não uma oposição, mas uma complementariedade. E é justamente por esse caráter complementar que diante da possibilidade da morte, seja como finitude ou como transformação, ou mesmo pelo prisma espiritual, nos habilitamos a perceber e experimentar a vida em plenitude, ou em outras palavras, em sua verdadeira dimensão de vivacidade, e não engessada na “dicotomia vivo e morto” (Rufino & Simas, 2020, p. 8) em que morto assume a conotação de descartável e inativo e vivo a de útil e ativo.

Roberto Gambini (2005, p. 140) faz uma interessante comparação da morte com o deus Janus⁴ e a chama de “nossa companheira de duas faces”: uma aterradora, que revela nossa mais completa solidão e nos impede de seguir nosso fluxo; a outra, preciosa interlocutora que nos ajuda a atravessar o processo de individuação, resistindo à tirania da persona que poderia nos afastar de nós mesmos. Essa é a face da morte que nos convida a viver:

Quem conversa com a morte aceita a ideia e a realidade da finitude: a finitude é bela, a efemeridade é sublime; quanto mais finita, mais bela a vida e mais precioso o momento presente. E se no fim tudo vai mesmo

⁴ Deus romano da transformação e da transição para novos começos, uma divindade com duas faces que apontam em direções opostas: uma para frente e outra para trás.

terminar em pó qual então o sentido da rivalidade, do egoísmo, da intriga, da maledicência, da maldade, da falta de conexão com o outro, da luta desenfreada pelo poder? [...] Portanto, a morte como companheira deve ser acolhida e de forma alguma evitada, porque é precisamente ela e mais ninguém quem de fato nos ensina a viver. (Gambini, 2005, pp. 142-143)

Atualmente, percebo que se o mistério em torno da morte continua, nossa atitude diante dela parece ter mudado bastante. Pelo menos na sociedade ocidental/capitalista. Parece-me que a morte está perdendo sua melhor face. Se nos séculos passados a morte estava presente nas conversas, encarada como uma etapa pela qual todos passariam, sendo os funerais e os ritos vivenciados e compartilhados, assim como em minha infância, hoje percebemos duas atitudes bem diferentes: por um lado, a banalização da morte, por outro, sua rejeição como assunto interdito, o que a leva a um processo de invisibilização. Duas maneiras de matar a morte.

Considero banalização da morte esse olhar para ela como coisa qualquer, um olhar endurecido e indiferente pela pessoa que se foi. Isso pode ter algumas razões: autodefesa contra realidades muito duras e violentas; uma forma de enfrentamento por parte de quem é obrigado a lidar com a morte todos os dias, como profissionais da saúde e outros; mas principalmente uma estratégia da lógica mercantilista de consumo em que o produto no fundo somos sempre nós, mesmo de paletó abotoado, é só reparar a indústria da morte: preços absurdos e ofertas surreais de “lotes” no cemitério, “muito bem localizados com vista para a rua”! Não, obrigada. Minha mãe terá agora vistas bem melhores.

Além disso, é verdade também que a banalização costuma ser fenômeno muito mais recorrente quando a morte visita pobres, negros, indígenas ou quaisquer outros grupos política, econômica e socialmente minoritários. Não é preciso pesquisas, embora estatísticas confirmem, para se chegar à constatação de que o maior número de mortes violentas (homicídios, desabamentos etc.) acontece entre a população negra e pobre, o que tecnicamente é quase sinônimo. E nesse caso, o que a banalização da morte traduz é uma banalização dessas vidas, tratadas como descartáveis, substituíveis. Talvez, no centro desse processo não esteja a morte propriamente dita, mas os processos violentos e antinaturais por meio dos quais ela acontece. A morte violenta ou, por outras tantas razões, evitável, faz parte do pacote do desencanto de que nos falam Rufino e Simas (2020) e que é, ele sim, e não a morte em si, o oposto da vida. O desencanto é a morte em vida, a morte do sonho e da esperança. “Quando crescer quero puxar carroça igual a meu pai”, ouvi de um menino em uma escola onde trabalhei. O desencanto me olhou nos olhos e sorriu.

Paralela a essa banalização, percebo também a invisibilização da morte que se tornou assunto indecoroso, desnecessário até, já que a maioria de nós prefere acreditar que a morte é coisa de moribundos e, por isso mesmo, não nos diz respeito. Não cabe na nossa vida cheia de vida. Assim, as duas atitudes atingem inclusive as crianças e os jovens, que a depender de sua situação familiar e social, ou são expostos demasiadamente ao espetáculo de mortes violentas e cruéis, a ponto de não mais se afetarem com isso (será que não?), ou são “poupados” de toda e qualquer experiência de morte, inclusive na literatura para a infância, espaço acolhedor e seguro para temas sensíveis. Muitos movimentos conservadores e/ou religiosos tentam a todo

custo “higienizar” os livros infantis, banindo de lá toda sombra, sobretudo a da morte.⁵ Velórios e enterros jamais! A morte não é bonita e às crianças só o belo se permite.

O historiador Philippe Ariès (2017) tenta entender esse processo de silenciamento da morte a partir da Idade Média e aponta quatro períodos ou estágios pelos quais passou nossa percepção da morte até os dias atuais: a morte domada – familiar, próxima, um sono profundo e fenômeno coletivo; a morte de si – em que, graças ao ideário religioso, o homem se julga cada vez mais responsável pelo seu destino pós-morte e assombrado pela condenação eterna; a morte do outro – em que o desespero e o medo em torno da morte se voltam não para a perda de si, mas para a perda de um outro, de um ente querido; e finalmente a morte interdita – um verdadeiro silenciamento, um tabu acerca da morte em que até mesmo dar os pêsames a alguém se tornou constrangedor. Não pretendo analisar ou me estender sobre os fatos apresentados por Ariès, apenas situar brevemente essa conspiração do silêncio, nas palavras da Professora Maria Júlia Kovács,⁶ como resultante de um processo histórico que culmina em um aparente paradoxo:

O tema da morte se tornou interdito no século XX, sendo banido da comunicação entre as pessoas. Paradoxalmente, nesse mesmo século, a morte esteve e continua estando, no início do século XXI, cada vez mais próxima das pessoas, em função, principalmente, do desenvolvimento das telecomunicações [...] e, embora essas mortes estejam tão próximas [...], reina uma conspiração do silêncio. Crianças e adolescentes convivem com essas imagens diariamente, ao mesmo tempo em que se tenta “poupá-los” para não os entristecer (Kovács, 2005, p. 486).

Uma amiga me confidenciou certa vez: “minha mãe deveria ter me levado a um enterro quando eu era mais nova, assim, o primeiro que acompanhei não teria sido o dela”. O peso do silêncio que veio depois dessa fala me contou do peso que ia naquele coração.

Não possuo qualificação para uma análise psicológica da situação. Imagino, contudo, que as novas gerações sejam menos resistentes a perdas e frustrações. Afastar os jovens da morte não ajuda em nada a compreensão de que – embora seja desejável que honremos nossa cor, nossa etnia, nossas tradições – todos somos iguais por baixo da pele, seja ela qual for, e que não se pode comprar alguém para morrer em nosso lugar. Esquecemos que não levamos nada do que temos, apenas o que somos. Seja qual for o preço do caixão. Com ou sem visor.

Mas o fato é que a morte passou a ser coisa ruim e feia, indigna de se apresentar em sociedade. Uma exilada.

Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte (Benjamin, 1987, p. 207).

⁵ A respeito desse tema em livros para a infância, sugiro a leitura dos TCCs *A morte e a criança: A importância dos temas difíceis nos livros para infância* (Vieira, 2019) e *A morte e a literatura para a infância* (Berardocco, 2023)

⁶ Doutora em psicologia pela USP onde coordena o Laboratório de Estudos sobre a Morte do Instituto de Psicologia, tendo por temas de estudo e pesquisa a morte, o luto, a bioética e a formação de profissionais de saúde e educação.

Tal atitude oferece grande perigo, pois quando se tem a ilusão da imortalidade, esquecemos de reparar no que realmente nos faz sentir vivos, engessados pela mecanicidade do sobreviver e arraigados a padrões em que não nos reconhecemos de verdade, mas que muitas vezes atendem com maestria à lógica do consumo. Somos inoculados pela “peçonha” do capitalismo colonizador, nas palavras de Rufino e Simas (2020), pela pressão do desempenho que nos leva ao esgotamento em todas as dimensões, à “alma consumida” (Han, 2017, pp. 115) - na forte expressão usada por Han para definir o *burnout*. Não à toa, as odiosas ideias de meritocracia instaladas com força em nossa sociedade transferem a todos em geral, mas com excelência às identidades mais fragilizadas, a culpa pelo fracasso social e profissional. Afinal, o radical da própria palavra deriva do verbo latino *merere* que significa “merecer”, “ser digno”, enquanto o sufixo grego *kratós* significa “força”, “poder”. Logo, se você não “vence na vida”, é porque é fraco, não se esforçou, não mereceu. Daí um correr desenfreado por um excesso que mais nos afasta que nos aproxima do verdadeiro respeito pela Vida, pela nossa vida inclusive. O descanso, as pausas e o ócio contemplativo, tão necessários ao equilíbrio do ser, vêm sendo banidos pelos excessos: de ruídos, de informação, de desejos inalcançáveis, de trabalho. E nesse último caso, o carrasco nem sempre é o patrão, pode ser você mesmo.

Lamento profundamente que assim seja, pois encarar a morte, refletir e fabular sobre ela, acolher seu mistério e alumbramento é importante e saudável. Esse lado mítico do homem, hoje até ridicularizado, move energias psíquicas vitais para nossa transformação e autoconhecimento, nos faz repensar valores e olhar a vida com olhos mais lúcidos que percebem a passagem do tempo e compreendem a aproximação da morte como oportunidade de transformação interior na direção de nossos valores mais genuínos.

Afinal, o perigo em se negar a morte ao homem é desumanizar o próprio homem, rebaixando-o à categoria de objeto, de coisa (a palavra da moda é, não por acaso, resiliência, conceito emprestado da física e aplicado originariamente a materiais e não a pessoas), pois as coisas não morrem, é fato, mas são facilmente substituíveis. Em termos práticos, esse fenômeno é extremamente conveniente ao paradigma da globalização do mercado que reduz pessoas a números, e pior ainda, a mais uma categoria de capital. Nesse sentido, Fernando Coronil chama nossa atenção para o fato de que a globalização neoliberal – que vai muito além dos processos de colonização e imperialismo – inclui os recursos humanos, leia-se pessoas, na categoria de capital dentro de um portfólio: o Banco Mundial prevê que os objetivos de desenvolvimento econômico devem ser atingidos mediante o gerenciamento do *portfolio*, cujos elementos são recursos naturais, patrimônio produzido e recursos humanos, colocando todos em um mesmo patamar, mas

*Ao omitir suas diferenças e incluí-los na categoria abstrata de capital, estes recursos são tratados como **elementos equivalentes**, constitutivos de um portfólio. [...] o valor das pessoas pode ser comparado ao valor das coisas somente porque ambos foram reduzidos a capital. A definição das pessoas como capital quer dizer que o cuidado que se lhe dispensa é o mesmo que se dá ao capital* (Coronil, 2005, p. 56, grifo nosso).

A essa altura, fica evidente o interesse da modernidade, ou pós-modernidade globalizada, leia-se mercado, leia-se ganância, em acentuar em nós o sentimento de competitividade e de nos fazer acreditar que valemos pelo que produzimos. Assim, a ideia de imortalidade é, agora, mais do que conveniente, fundamental, porque afinal “*we can*”. Podemos tudo, podemos mais, trocamos partes de nosso corpo em busca da perfeição, usamos drogas que aceleram e aumentam nossa performance laborativa, esportiva, sexual, somos quase sintéticos; aceleramos a velocidade dos vídeos, dos filmes, para poder ter mais tempo, nos orgulhamos de sermos “multitarefas”, somos quase robóticos. Não desejamos apenas o pódio, e sim o recorde. Que triste. Estamos vivendo a ilusão do ilimitado: crédito ilimitado, minutos ilimitados, músculos ilimitados, conhecimento ilimitado, trabalho ilimitado, renda ilimitada, arrogância ilimitada. Esquecemos que nossa humanidade reside nos limites. *Somos* limitados e imperfeitos. E por isso incrivelmente belos.

Por tudo isso, acredito que estamos realmente tentando matar a morte, pois olhar de forma banal para a ela, com desprezo pelas identidades ceifadas, sem o menor respeito, portanto, pela própria morte, bem como dar-lhe as costas como se não existisse, fazendo-a invisível, podem parecer atitudes diferentes, opostas, mas que têm em comum a rejeição da morte, na medida em que ambas as situações eliminam qualquer reflexão sobre a melhor de suas duas faces, sobre seu aspecto transcendente, sobre o fato de que a vida contém a morte e vice-versa, e que se negamos uma, negamos a outra. Negamos o fato de que entramos no corredor da morte ao nascer.

Em minha última viagem ao Rio de Janeiro, fui com minha filha mais velha visitar a sepultura de minha mãe. Ela fez questão, já que não pode ir ao enterro. Fomos com cuidado, pisando sobre covas recentes e túmulos antigos. Não havia lugar para pisar entre elas, tantas eram, pela urgência que se instaurou de lugares onde se enterrar todos os mortos. Pisávamos literalmente sobre os que ali estavam, com respeito e sempre pedindo licença ao passar. Uma caminhada que ficou gravada em nós como metáfora da própria vida, esse campo assentado sobre aqueles que nos antecederam e que adubam nossa colheita. Na volta, o mesmo andar cuidadoso. No meio do caminho, uma enorme mangueira. Sol forte e sombra boa. Ouço a voz de minha mãe: “Manga de cemitério é a melhor que tem”. É sim, mãe, é sim.

Apesar de tudo, de todo o esforço da modernidade para invisibilizar a morte, ela é perseverante e continua firme em seu propósito de nos lembrar que continuamos sendo pó, pó que anda, como diria Padre Antônio Vieira (1998, p. 61) no Sermão da Quarta-Feira de Cinza, mas ainda assim pó. Simples assim. Portanto, aquilo que tanto evitamos, isto é, falar da morte, talvez seja exatamente o caminho que devemos trilhar. Não para nos entregarmos a sua face sombria e nos aterrorizarmos com sua imagem coagulada no pavor dos transis,⁷ mas para estarmos disponíveis a reinventar a vida a cada dia, o entusiasmo no viver, mesmo diante de nossa finitude corpórea. Falar da morte, contar histórias sobre ela, e mais ainda, convidá-la

⁷ Na arte fúnebre ou tumular, um transi é uma efígie, uma escultura representando um morto de modo realista, nu, de aparência cadavérica e geralmente em estado de putrefação que ornamenta tumbas e monumentos mortuários, muito comuns na Baixa Idade Média.

para a brincadeira, para a festa, será uma ideia totalmente sem sentido? Ou será uma maneira possível de celebrar a vida?

Brincar e narrar para salvar a morte

O filósofo e líder indígena Ailton Krenak (2019, p. 26), em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, afirma que “nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida”. Isso é muito forte como imagem e mais uma vez me remete ao que dizem Campbell & Moyers (1990) sobre a importância de nos sentirmos vivos, mais até do que entender o sentido da vida. E não consigo pensar em melhor exemplo desse “sentir-se vivo” do que a alegria e a força do brincar que emana das crianças. Aliás, cada vez mais, gosto de pensar em mim como uma “criancista”, assim como explicam Noguera & Alves (2020, p. 534):

gente adulta que aprende com crianças, valoriza culturas infantis e investe em sua própria infância – a capacidade de brincar, narrar e imaginar – como modo privilegiado de se relacionar consigo e com o mundo, mas, também com o contorno político de pessoas que defendem o direito das crianças serem crianças e dos adultos habitarem suas infâncias.

Noguera e Barreto (2018) desenvolvem ainda um outro conceito, a infancialização, ou seja, a infância enquanto experiência, conceito filosófico e princípio ético: ativar a criança dentro de nós em qualquer idade. Não se trata de voltar a ser criança literalmente, mas sim da capacidade de acolher o caráter efêmero e imponderável do mundo e, por isso mesmo, estar aberto a novas maneiras de se relacionar com e nesse mundo.

Ora, se é a certeza da morte que nos coloca frente a frente com o imponderável e com a efemeridade da vida, e se a criança é esse princípio em nós disposto a aceitar o mistério e a inaugurar modos outros de se relacionar com o mundo, com todos os seres visíveis e invisíveis, humanos ou não, concordo mais uma vez com Noguera que o brincar e o narrar, atividades que constituem a infância em sua essência, podem ser caminhos para “fazer emergir afetos alegres”, porque assim “o gosto de viver sobrevive, de tal modo que mesmo em convívio com o desgosto, o sabor da vida não se perde” (Noguera & Alves, 2020, p. 542). Esse “gosto de viver” que a criança em nós desperta, conversa de perto com a vivacidade produzida pelo estado de encantamento com a vida, definida por Luiz Rufino e Luiz Antônio Simas como “a experiência do ser integral e integrado com a natureza” (Rufino & Simas, 2020, p. 9). O estado de desencanto, ao contrário, nos conduz à perda da vivacidade. Nesse contexto, o encantamento é um verdadeiro ato de resistência diante do desencanto, um verdadeiro modo de estabelecer reconexões entre todas as formas que habitam e constituem a biosfera e de “transitar nas inúmeras voltas do tempo” (Rufino & Simas, 2020, p. 6), um modo, enfim, de afirmação radical da vida que absolutamente não se opõe à morte, mas ao desencanto.

Penso novamente em minha mãe, já bem fraquinha, despedindo-se deste plano e tão próxima do portal entre mundos. Certo dia, em seu quarto, ela sorria. Perguntei-lhe a razão e

contou-me que o quarto estava cheio de crianças, sentadas em sua cama, brincando. Eu quis saber se ela não tinha medo das crianças.

- Claro que não, as crianças me alegram. Vieram me ajudar.

- Ajudar?

- Sim, você sabe que sempre fui devota de Cosme e Damião, por isso estão aqui.

Tenho certeza de que tanto as crianças quanto minha mãe, narradora quase à beira da morte e por isso revestida da autoridade de que nos fala Benjamin (1987), estavam encantados pela vida. A partir desse dia, meu coração ficou em paz.

Assim, compreendo e reafirmo que brincar e narrar de forma infancializada é, de fato, transitar na dimensão do encantamento, apaixonar-se mais por perguntas e possibilidades do que por respostas, é, mesmo diante do abismo da vida, dizer sim de modo radical e brincante. Por isso, como o poeta, "não digo que a vida é bela, tampouco me nego a ela: – digo sim" (Gullar, 2004, p. 56).

Há na tradição yorubana uma história que nos fala do poder do brincar e do narrar. Conta-se que os irmãos gêmeos, filhos de Xangô e de Oxum, foram enviados ao reino de Orunmilá e de Iemanjá para que fossem criados sob seus cuidados. Certo dia, Icu chega ao reino e, com seu cajado de madeira, toca em vários animais e plantas que logo perdem a vida. Mesmo os soldados enviados para detê-lo não resistem e morrem. Então os gêmeos pedem permissão para irem ao encontro de Icu. Seus guardiões resistem, mas acabam cedendo. Antes da partida, Iemanjá dá a eles um tambor e Orunmilá conta-lhes ainda uma vez a história de seus nomes, advertindo-lhes sobre a importância de sempre contarmos alguma coisa sobre quem ouve. Então, ao encontrarem Icu, o convidaram a brincar com o tambor e a ouvir histórias sobre como ele tirava as pessoas do mundo. Depois de algum tempo, Icu desiste de ficar naquele reino e parte. Assim, a infância foi a única capaz de vencer a morte pela força do brincar e do narrar.

A metáfora das histórias que vencem a morte como nos contos das Mil e uma noites e tantos outros, ou que adiam o fim do mundo, nas palavras de Krenak, é aqui diretamente relacionada com a criança e seu universo brincante. Obviamente, sabemos da imensa diversidade de sentidos e realidades implícitas nas palavras criança ou infância, mas o que nos interessa aqui é a simbologia que nessas palavras nos remete ao entusiasmo pela vida e à capacidade de criação, formas metafóricas de se vencer o tempo e a morte.

Aliás, se pensarmos na cultura oral da infância, a morte sempre esteve presente, de modo mais ou menos explícito, em jogos, cantigas, parlendas, fato que não parece assim tão surpreendente quando pensamos que o jogo

é fundamentalmente um símbolo de luta, luta contra a morte (jogos funerários), contra os elementos (jogos agrários), contra as forças hostis (jogos de guerra), contra si mesmo (contra seu medo, sua fraqueza, suas dúvidas etc.) [...] Os jogos, em sua origem, estão ligados ao sagrado, como todas as atividades humanas, e mesmo os mais profanos, os mais espontâneos, os mais isentos de qualquer finalidade consciente derivam dessa origem (Chevalier & Gheerbrant, 1988, p.

538 – tradução da autora).⁸

Rufino e Simas (2020, p. 8) afirmam ainda que “na experiência do nascer, do morrer ou nos refazimentos cotidianos se expressa nosso caráter provisório, inacabado e dialógico”. Penso que o universo das brincadeiras da infância também colabora para uma espécie de treinamento a esses “refazimentos” e à própria morte. Talvez a mais exemplar dessas brincadeiras seja a famosa “Morto, vivo”, uma das mais populares até hoje. Outras vezes, percebemos referências a arquétipos muito antigos, como o do psicopompo Caronte na brincadeira do Passaraio em que duas crianças de mãos dadas formam um túnel por onde passa um trenzinho formado pelas demais. Invariavelmente uma das crianças é “capturada” e sai da brincadeira (“morre”) devendo escolher um dos lados do túnel (provavelmente referência a céu e inferno):

*Bom barqueiro, bom barqueiro,
Dê licença de passar
Carregada de filhinhos
Para acabar de criar
Passarás, passarás
Algum deles há de ficar
Se não for o da frente
Há de ser o de trás, trás, trás...*

Ou na versão simplificada e cantada em minha infância no Rio de Janeiro dos anos 1970 em que, mesmo sem referência ao barqueiro, se guarda a forma do brincar e a referência a “fazer a passagem”, como muitos adultos usam dizer eufemisticamente:

*Passaraio, passaraio
Quem me deixe eu passar,
Se não for o da frente,
Há de ser o de trás, trás, trás...*

Os exemplos são inúmeros: na “Amarelinha” se chega ao céu; na “Galinha e seus pintinhos”, todos são devorados um a um; na “Dança das cadeiras”, todos são retirados da brincadeira por perderem seus lugares na roda (“no mundo”) e ao final resta apenas o ganhador, mas que em uma leitura outra poderia ser o derradeiro, aquele que sobrou depois do desaparecimento de todos; no “Fui passear no bosque”, a diversão era tão maior, quanto maior o medo de ser pego pelo lobo que também “matava” a todos no final. E voltando ainda mais no passado, encontramos a origem da brincadeira da pipa ou papagaio, no Extremo Oriente, como a alma daquele que a empinava a ele ligada por um fio (Chevalier & Gheerbrant, 1988, p. 539).

Nas parlendas, adivinhas e cantigas, a morte também aparece com frequência:

Em cima do piano

⁸ *Le jeu est fondamentalement un symbole de lutte, lutte contre la mort (jeux funéraires), contre les éléments (jeux agraires), contre les forces hostiles (jeux guerriers), contre soi-même (contre sa peur, sa faiblesse, ses doutes, etc.) (...) Les jeux sont à l'origine liés au sacré, comme toutes les activités humaines, et les plus profanes, les plus spontanés, les plus exempts de toute finalité consciente dérivent de cette origine (Chevalier & Gheerbrant, 1988, p. 538).*

*Tinha um copo de veneno
Quem bebeu morreu
Antes ele do que eu (o culpado não fui eu)*

*Lá na rua vinte e quatro,
a mulher matou um sapo
com a sola do sapato.
O sapato estremeceu,
a mulher morreu,
o culpado não fui eu.*

*Hoje é domingo, pé de cachimbo⁹
Cachimbo é de barro, dá no jarro
O jarro é fino, dá no sino
O sino é de ouro, dá no touro
O touro é valente, dá na gente
A gente é fraco, cai no buraco
O buraco é fundo, acabou-se o mundo!*

*O que é, o que é?
Quem faz, não compra,
Quem compra não usa,
Quem usa não vê
E quem vê não quer usar?*

Desta forma, a morte se faz presente, explicitamente ou não, na cultura da infância. E o mesmo movimento, como a das crianças gêmeas, que a convida para a brincadeira, a desafia na medida em que desafia o tempo linear e, portanto, a própria finitude: nos brincos e brinquedos, assim como nas danças, nas cantigas, nos folguedos e nas festas populares nos conectamos à ancestralidade, ainda que estejam sempre em transformação. Muitas vezes me vi em movimentos e maneiras de brincar de minhas filhas, assim como minha mãe deve ter visto sua infância em mim.

Nossos repertórios orais e corporais de infância carregam memória, abrem as fronteiras do tempo, “vencendo” a morte. Aqui, percebo que o conceito de tempo espiralar de Leda Maria Martins pode entrar na conversa, guardadas, por certo, as devidas proporções e o contexto a partir do qual tal conceito foi concebido (toda uma história da diáspora negra). Mas compartilho essa percepção cósmica do mundo e compreendo os movimentos e gestos da infância também a partir dessa visão que “entrelaça, no mesmo circuito de significância, o tempo, a ancestralidade, a morte” (Martins, 2002, p. 84).

Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta. [...] Esse processo pendular entre a tradição e a sua transmissão institui um movimento curvilíneo, reativador e prospectivo que integra sincronicamente, na atualidade do ato performado, o presente do pretérito e do futuro (Martins, 2002, pp. 84-85)

⁹ Assim transcrevo, e não “pede cachimbo”, pois assim brincávamos e entendíamos quando crianças o que conferia muito humor à brincadeira graças ao *non sense* gerado pela imagem de um “pé de cachimbo”.

Assim como na performance ritual, a performance da criança também institui um movimento pendular entre tradição e sua transmissão, na medida em que recebe a brincadeira e a atualiza a sua moda, estabelecendo “uma ação de um pretérito contínuo, sincronizada em um pretérito presente que atrai para si o passado e o futuro e neles também se esparge, abolindo não o tempo, mas sua concepção linear e consecutiva” (Martins, 2002, p. 85). E esse movimento que abala a linearidade do tempo, relativiza nossa própria finitude.

Tudo isso está contido na cultura da infância que, entre outras coisas, faz da brincadeira um território seguro de preparação para a etapa final de nossa jornada, ao mesmo tempo que afirma a vida. Não invisibiliza ou nega nossa impermanência terrena, mas permite que tudo aconteça de modo vibrante, porque brincando mobilizamos a alegria, o corpo, a voz, o entusiasmo, que é a forma mais autêntica de transbordar vida plena. Não por acaso a palavra entusiasmo vem do grego *enthousiasmos*,¹⁰ portanto, literalmente, “possessão divina”, estar inspirado ou possuído por um deus, estar em êxtase, mas sem nenhuma conotação cristã, já que se trata de um vocábulo com origem anterior ao cristianismo.

E por falar em símbolo cristão, aqui em Brasília, na igreja Nossa Senhora de Fátima, a Igrejinha, há uma imagem de Nossa Senhora (figura 2) pintada na parede pelo artista Francisco Galeno. Ela parece estar voando contra um fundo azul profundo, apoiada em três flores apenas: as três crianças que testemunharam a aparição. Não me canso de admirá-la pelo que carrega nas mãos. Não sei se o artista conhecia a simbologia dessa brincadeira, dos fios ali enrolados nos carretéis, das Moiras. Não sei se o artista pensou no elemento ar, como o mais ligado à dimensão do transcendente, ou no vento, como a representação do sopro divino. Mas sei que ali, a brincadeira é elevada à categoria do sagrado, do milagre, dessa infância que é ela mesma o próprio milagre encarnado.

Figura 2: Nossa Senhora pintada por Francisco Galeno na Igrejinha (DF)



Fonte: <https://inspiresenasobrasdopas.blogspot.com/2017/03/pesquisa-de-analises-da-obra-mural-da.html>

¹⁰ Consultado de *Ortolang Outils et Ressources pour un Traitement Optimisé de la Langue*. <https://www.cnrtl.fr/etymologie/enthousiasme> e de *Dicionário etimológico*. <https://www.dicionarioetimologico.com.br/entusiasmo>

Falando em arte, ainda outro dia, no MAB (Museu de Arte de Brasília), deparei-me com uma obra de Luiz Hermano, artista cearense. Sem título (Figura 3). Alguma coisa nela começou a me chamar de forma que depois de uma volta inteira no museu, voltei a ela. Parei, reparei, tornei a andar e tornei a voltar a ela. Ela ali, como uma esfinge.

De repente, senti um frio atrás de mim. Era Caetana. Ela adora a arte como eu.

- Bonito, né? Adorei a homenagem. De certa forma, todas as obras de arte falam de mim, mas algumas são mais inteligentes como essa e revelam minha verdadeira face.

Só então percebi que a obra é formada por centenas de capacitores usados, portanto sem energia, ligados por uma intrincada rede de arame. Peças "mortas", velhas, descartáveis, emaranhadas em uma rede/prisão de arame. Mas a rede forma um peixe. E o peixe é a rede. E parece ter duas faces. E o peixe está vivo na parede, e o peixe mergulha em mim, e me emociona.

A arte é ou não é uma grande brincadeira?

Figura 3: Obra sem título de Luis Hermano (MAB)



Fonte: Fotografia da autora (2023)

Caetana e suas histórias

E assim como o brincar, as histórias também nos ajudam no feitiço do encantamento, pois afinal "a experiência do tempo passa pela maneira como narramos os acontecimentos", (Nogueira & Alves, 2020, p. 541) fazendo do próprio tempo uma narrativa. Então, narrar é tecer a vida, é se entregar à espiral do tempo, é suspender o fim do mundo. Bem, é verdade que algumas histórias também podem apressá-lo. Mas dessas queremos distância.

Sendo assim, termino minha escrita contando algumas histórias em homenagem à minha convidada. Hã? Como assim? Caetana está dizendo que o lugar de fala é dela! Tá bem, comadre. Então você escreve. Ou melhor, você dita e eu escrevo. Pode ser? Pois então, comece:

Obrigada, Telma, nem todos conseguem me ouvir, quanto mais me deixar falar. Fiz questão de contar eu mesma minhas histórias para desfazer alguns equívocos a meu respeito. Gosto das histórias que o povo conta de mim, de boca em boca, são mais autênticas, embora desprezadas por muitos. É verdade que vez por outra os contadores distorcem os fatos. Andam dizendo, por exemplo, que eu teria feito uma aposta com certo rapaz e que trapaceei. Não foi assim, não, por isso vou dar a minha versão.

Um dia, estava eu andando numa roça, quando avistei um rapaz jovem, forte, trabalhando sua terra. Bem, na verdade a terra não era dele, era do patrão. Dele mesmo só a fome! Mas era tão simpático, eu quis me aproximar. Assim que me viu, deu um grito tão grande que achei ter matado o sujeito antes da hora. Então, ele se recompôs, foi se acalmando, e expliquei que não era a hora. Para compensar o susto, resolvi fazer uma oferta generosa: eu daria a ele toda a extensão de terras que ele conseguisse percorrer correndo. Um presente. Mas a oferta só valia até o sol se pôr. Ele hesitou, mas acabou aceitando e nem quis terminar o roçado! Esse moço, gente, correu, correu tanto que, confesso a vocês, eu já estava ficando preocupada. Lá pelas três da tarde, as pernas dele bambearam e ele parou. Aí eu pensei “até que enfim”, já se deu por satisfeito. Que nada! Respirou e continuou correndo! Atravessou campos, vales, riachos e quando os últimos raios de sol se esconderam, acenei que já podia parar. Ele continuou. Gritei. Não adiantou. Resolvi, então, lhe falar ao ouvido, mas foi nessa hora que ele embarçou o pé na minha capa e tropeçou, cambaleou e caiu com a cabeça em uma pedra. Traumatismo craniano. Durante a queda, por uma fração de segundo, ficamos cara a cara. Ele olhou dentro de mim e viu o abismo.

Até hoje me culpam pelo acontecido. Estou acostumada. Humanos são esquisitos mesmo: fazem guerras, comem demais, bebem demais, tiram selfies em lugares perigosos, não tomam vacina e depois botam toda a culpa em mim – a cruel. Não, são vocês que às vezes me procuram antes do combinado. Daí fico muito chateada quando me caluniam dizendo que sou injusta. Eu? Logo eu que não faço a menor diferença entre gente rica ou pobre, feia ou bonita, analfabetos ou doutores. Por outro lado, vejam a ironia: já se aproveitaram de mim, já tentaram me enganar se valendo da minha boa-fé, já se disfarçaram, raspam a cabeça e até já me prenderam em cima de uma figueira por quase um ano. Mas o que me magoou fundo, partiu meu coração, foi quando um compadre meu me traiçou! Compadre, gente, quase família! E ainda dizem que eu que passei a perna nele, que fui desonesta. A verdade é que a mim ninguém engana. Ele bem que tentou, descumpriu um combinado. Então, precisei ser original na tarefa. Um dia eu conto essa.

Agora, preciso falar que não quero ninguém com medo de mim, pois nos afastamos do que temos medo. E não quero isso. Prefiro que me respeitem e me ouçam. Por favor, não entendam mal, não quero trabalhar antes da hora. Nem depois, é claro, como daquela vez que tive que adiar a tarefa por muitos anos, séculos na verdade, por causa de uma velha medrosa.

Chamava-se Maria e era muito rica. A coisa de que mais tinha medo no mundo era de mim. Trovão, barata, visagem? Medo nenhum! Mas se alguém falasse o meu nome perto dela, a velha esconjurava, xingava e nem queria saber mais da pessoa. Pois ela foi ficando tão travada de medo que, um dia, resolveu me chamar e me pediu que eu não a levasse nunca. Daí eu disse nunca é tempo demais, mas podemos negociar. Eu lhe prometo mais trinta anos. Ela não aceitou. Cinquenta anos e não se fala mais nisso! Mas a velha era tihosa e me venceu pelo cansaço. Acabei fazendo um trato com ela, coisa que não faço nunca mais. De qualquer forma, eu não podia prometer o para sempre. Então, mandei que construísse uma igreja e disse que enquanto a igreja estivesse de pé, eu não viria buscá-la. Calculei uns 100 anos no máximo. Acontece que a velha era rica, lembram? Pois ela contratou os melhores arquitetos e pedreiros e mandou construir a igreja todinha de pedra, da boa, robusta. Quando a igreja ficou pronta, a mulher era só felicidade. Todo dia olhava pela janela verificando se tinha qualquer pedacinho faltando, e se tivesse, mandava logo reparar. Com isso os anos foram passando, as décadas, os séculos. Eu, preocupada, e a igreja lá, inabalável. A velha idem.

Os filhos, os netos e os bisnetos morreram, os amigos e os compadres. Os últimos tataranetos se foram sem deixar descendência. Até que não tinha mais vivente na face da terra que soubesse quem ela era. Ela tinha alguns conhecidos novos, mas ninguém que compartilhasse suas memórias, ninguém que a tivesse abraçado quando moça, que tivesse compartilhado suas dores e sorrisos e que pudesse contar sua história. Sabiam que era uma velha sozinha e, já rezava a lenda, que era tão antiga quanto a própria igreja.

Trezentos anos, foi o tempo que levou para ela começar a se lembrar de mim novamente. Não me chamou, mas eu sei quando alguém tem saudades de mim. Então, fui até ela. Era de tardinha, o céu estava uma belezura de alaranjado. Ela estava sentada na cadeira de balanço, magrinha, enrugadinha, cabelos presos em trança, muito longos, mas os olhos, antes embaçados, agora estavam tão vivos! Pareciam até olhos de menino pequeno querendo descobrir o mundo.

- É você? - me perguntou sem se virar – desembaraça meus cabelos?

Desatei-lhe a trança, sem pressa, e soltei os cabelos brancos. À medida que o pente escorregava, desembaraçando os fios, ela ia se lembrando e me contando tudo que havia visto e vivido: seus amores, suas lágrimas, o passarinho azul que fazia ninho no jardim, o tacho de doce, as dores dos muitos partos, as perdas, as risadas. Até os segredos. Quando terminei, ela pediu:

- Você me balança?

Ela estava tão leve que a coloquei no colo. Uma menina. Então embalei-a e cantei-lhe a mais linda canção de ninar que eu sabia. Ela olhou em meus olhos e sorriu.

A noite já ia alta e o sereno caía forte.

Vida, morte, tempo

Desculpem, mas sempre me emociono quando lembro de Maria. Termine essa escrita, por favor.

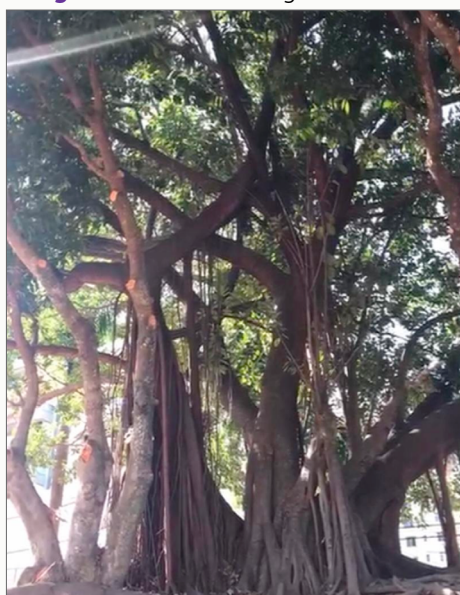


Claro. Mas não sei nem o que dizer depois das histórias que contou, comadre. Apenas, gostaria de acrescentar que minha intenção nunca foi dar respostas ou conselhos a quem quer que seja a respeito de um assunto do qual não sabemos quase nada. Talvez, fazer brotarem, independente de crença, religião ou filosofia, questionamentos tantos, tão diferentes quanto o número de leitores desta escrita. E lembrar a todos que contar histórias sobre a morte é também ouvir, com mais atenção, sem medo e com respeito, o que ela tem a dizer. Afinal, o assunto preferido da morte é a vida.

Durante a escrita, percebi que não se pode refletir sobre vida e morte sem refletir sobre o tempo e sobre como o percebemos. É um mergulho profundo uma escrita como essa. Às vezes, é preciso só andar, olhar o céu e esvaziar a cabeça para, então, continuar escrevendo. As caminhadas ajudam bastante e gosto muito de olhar as árvores. Aqui pertinho de casa, há uma árvore em especial que sempre admirei, grande e imponente. Não sabia seu nome, mas a chamava de “árvore das grandes raízes” (figura 4). Ela tem uma beleza forte, meio misteriosa, como se a qualquer momento pudesse criar vida e sair andando como no filme *Ponte para Terabítia*, ou como se de repente eu estivesse na floresta de Nárnia. Pesquisando sobre o tempo e suas simbologias, descobri que a minha “árvore das grandes raízes” é possivelmente uma gameleira branca, que na cultura do candomblé e da umbanda é associada a *Iroko*, orixá do tempo, tendo sido ele próprio, em algumas narrativas míticas, a primeira árvore do mundo. Dizem ainda que o abutre é o mensageiro de *Iroko* que ora pousa, ora voa dos galhos da grande árvore para nos lembrar que não somos donos do tempo. Mas por aqui não há abutre, ave natural da Ásia, Europa e África. Seus parentes americanos são os gaviões. Deve ser por isso que ainda outro dia vi um carcará pousado na gameleira.

Todos os saberes conservados pela oralidade têm sua fonte na voz da natureza e a natureza às vezes dá um jeito novo de contar velhas histórias e de nos fazer entender que a VIDA, com suas dores, seus amores, sua própria finitude material e tudo mais que couber dentro dela, se manifesta de modo simples, mas profundo.

Figura 4: A árvore das grandes raízes



Fonte: Fotografia da autora (2023)

Referências Bibliográficas

- Ariès, P. (2017). *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Nova Fronteira.
- Benjamin, W. (1987). O narrador. In S. Verlag (Org.). *Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política*. (1a ed., v. 1, pp. 192-221). Editora Brasiliense.
- Berardocco, S. (2023). *A morte e a literatura para a infância*. [Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Conectada]. <https://acasatombada.com.br/artigos-e-tccs/a-morte-e-a-literatura-para-a-infancia/>.
- Campbell, J. & Moyers, B. (1990). *O poder do mito*. Palas Athena Editora.
- Chevalier, J. & Gheerbrant, A. (1988). *Dictionnaire des symboles*. Jupiter.
- Coronil, F. (2005). Natureza do pós-colonialismo: do eurocentrismo ao globocentrismo. In E. Lander (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas*. (1a ed., pp. 50-62). Clacso.
- Gagnebin, J. M. (2014). *Limiar, aura e rememoração: ensaios sobre Walter Benjamin*. Editora 34.
- Gambini, R. (2005). A morte como companheira. In M. F. Oliveira & M. H. P. Callia (Org.). *Reflexões sobre a morte no Brasil*. (pp. 135-146). Paulus.
- Gullar, F. (2004). *Na vertigem do dia*. José Olympio.
- Han, B.-C. (2017). *Sociedade do cansaço* (2ª ed. ampliada). Vozes.
- Han, B.-C. (2021). *O desaparecimento dos rituais: Uma topologia do presente*. Vozes.
- Kovács, M. J. (2005). Educação para a morte. *Psicologia: ciência e profissão*. 25(3), 484-497. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932005000300012>
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Martins, L. M. (2002). Performances do tempo espiralar. In G. Ravetti & M. Arbex (Org.). *Performance, exílio, fronteiras: errâncias territoriais e textuais* (pp. 69-91). Poslit.
- Nogueira, R. & Alves, L. P. (2020). Exu, a infância e o tempo: Zonas de Emergência de Infância (ZEI). *Quaestio - Revista Educação e Cultura Contemporânea*. 17(8), 533-554. <https://doi.org/10.5935/2238-1279.20200047>
- Nogueira, R. & Barreto, M. (2018). Infancialização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas. *Childhood & Philosophy*, 14(31), 625-644. <https://doi.org/10.12957/childphilo.2018.36200>
- Oluwole, S. B. (2014). *Socrates en Orunmila. Two Patron Saints of Classical Philosophy*. Ark Publishers.
- Paula, N. & Wer, C. (2019). Filosofia Africana: um estudo sobre a conexão entre ética e estética. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, 10, 128-138. <https://doi.org/10.5902/2179378639890>

Rufino, L. & Simas, L. A. (2020). *Encantamento (sobre política de vida)*. Mórula Editorial.

Vieira, M. A. (2019). *A morte e a criança: a importância dos temas difíceis nos livros para a infância*. [Trabalho de conclusão de curso, Faculdade Conectada]. <https://acasatombada.com.br/artigos-e-tccs/a-morte-e-a-crianca-a-importancia-dos-temas-dificeis-nos-livros-para-infancia/>.

Vieira, Padre A. (1998) Sermões (parte 1). eBooksBrasil

Recebido em 22 de julho de 2024

Aprovado em 15 de setembro de 2024

